



# SUMÁRIO

<b>Prefácio.....</b>	<b>11</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>15</b>
<b>1 – Estudos sobre a surdez: concepções e práticas .....</b>	<b>19</b>
Um breve olhar histórico sobre a educação de surdos.....	19
Práticas com a linguagem e o trabalho com sujeitos surdos .....	35
<b>2 – A proposta bilíngüe: língua de sinais e escrita .....</b>	<b>45</b>
A proposta bilíngüe .....	45
A língua de sinais .....	49
A linguagem escrita na surdez.....	52
<b>3 – Trabalhando a escrita na surdez.....</b>	<b>61</b>
<b>4 – O papel do outro na escrita de surdos .....</b>	<b>89</b>
<b>Conclusão: Que direção tomar?.....</b>	<b>137</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>145</b>





## **PREFÁCIO**

Na literatura sobre surdez, são muitos os trabalhos que fazem referência aos problemas que as pessoas surdas comumente apresentam na escrita da língua portuguesa. Frases mal estruturadas, nas quais faltam preposições, conjunções e flexões nos verbos, parecem caracterizar a escrita de todos os surdos. É como se fizessem parte do quadro da surdez.

As queixas são, em geral, muito semelhantes; o que muda são as explicações para as dificuldades. Se os surdos são submetidos a um trabalho que enfatiza a fala, os problemas que apresentam na escrita podem ser explicados pela dificuldade de percepção por meio da leitura orofacial. Por outro lado, se são usuários da língua de sinais, os problemas são freqüentemente explicados pela interferência dessa na língua portuguesa.

Independentemente da ênfase na modalidade oral da língua portuguesa ou na língua de sinais, uma explicação para as dificuldades que os surdos apresentam na escrita pode ser

buscada na concepção de língua que tem fundamentado o ensino do português para surdos.

Até pouco tempo, o ensino tinha início com a seleção de palavras que eram apresentadas com o apoio no concreto, primeiramente objetos e depois figuras. Essas palavras eram posteriormente utilizadas em estruturas frasais preestabelecidas pelos professores e deveriam ser memorizadas e usadas corretamente pelos alunos.

O foco na palavra levou os alunos surdos a prestar atenção às palavras individualmente, preocupando-se em entender o significado literal de cada uma e não em buscar um sentido mais amplo no texto. O trabalho com estruturas frasais respondeu pelo uso de frases estereotipadas, usadas de forma mecânica e em contextos bastante previsíveis.

Mais recentemente, assim como ocorreu na educação de ouvintes, também na de surdos observou-se o aparecimento de algumas propostas que têm como foco o discurso, mais precisamente os textos escritos. Este livro de Ana Cristina Guarinello, que tenho o prazer de prefaciá-lo, é uma delas.

Diferentemente de outras propostas, que tomam o texto como foco, no entanto, este livro traz a análise de textos produzidos por quatro adolescentes surdos, atendidos pela autora em sessões individuais de tratamento fonoaudiológico, por um período de dois anos, o que possibilita ao leitor observar o efeito do trabalho.

Não é minha intenção apresentar aqui toda a proposta, uma vez que o leitor poderá conhecê-la com detalhes ao longo do livro. Gostaria, no entanto, de chamar a atenção para alguns pontos que considero contribuições significativas para a área da surdez. O primeiro se refere à ênfase que a autora atribui à parceria *adulto ouvinte e aluno surdo*, ambos

usuários da língua de sinais. Essa parceria esteve presente todo o tempo: na leitura, momento em que os interlocutores conversavam sobre o texto em língua de sinais, durante a produção do texto pelo aluno, quando discutiam a melhor forma de expressar as idéias em português, construindo juntos o sentido dos textos, e também na (re)construção conjunta de um texto em português, por meio da combinação das idéias do surdo e do conhecimento da língua portuguesa da terapeuta. Essa atividade, que Marcuschi chama de retextualização, é usada sistematicamente pela autora/fonoaudióloga para aproximar o texto do aluno do português padrão. Cabe destaque especial para o papel da retextualização no desenvolvimento da língua portuguesa pelos sujeitos da pesquisa.

Como refere Ana Cristina, a retextualização permitiu aos sujeitos perceber diferenças e semelhanças entre a língua de sinais e o português escrito, e possibilitou que eles passassem a dominar certos aspectos formais do conjunto de convenções que regulamentam o uso social da escrita.

O segundo ponto para o qual chamo a atenção neste prefácio diz respeito ao efeito da proposta no processo de aquisição e de produção da escrita pelos sujeitos.

A atividade conjunta com um adulto, usuário das duas línguas, propiciou que cada um fosse afetado, a seu modo, pela língua, efeito esse observado não só no uso de formas gramaticais cada vez mais complexas, mas, também, na mudança da postura diante da linguagem escrita. Cada um dos sujeitos fez seu percurso particular; em comum constata-se o avanço de todos em relação ao conhecimento de português. De modo geral, todos perderam o receio para escrever e passaram a produzir textos mais coesos e criativos.

Após esta breve apresentação, convido os leitores a usufruir a leitura deste interessante livro que, embora focalize a área da surdez, pode, a meu ver, contribuir para o trabalho também com crianças que, por diferentes razões, apresentem dificuldades para usar a língua portuguesa escrita.

*Maria Cristina da Cunha Pereira*

Formada em Lingüística, doutora em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas. Professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Lingüista da Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação, da PUC-SP.



## INTRODUÇÃO

Este livro é o resultado da tese de doutorado intitulada *O papel do outro no processo de construção da produção da escrita de sujeitos surdos* (Guarinello, 2004), defendida em março de 2004. O resultado da pesquisa responde a uma parte de minhas inquietações com relação à aquisição, por surdos, da língua portuguesa em sua modalidade escrita. Nos últimos catorze anos de prática clínica como fonoaudióloga, venho repensando questões sobre a surdez e as diferentes concepções de linguagem que caracterizam o trabalho com surdos. Durante minha prática clínica fonoaudiológica, trabalhei com vários surdos que tinham muita dificuldade para utilizar a língua portuguesa, porém geralmente dominavam a língua de sinais, basicamente comunicando-se por meio dela. Intrigava-me o fato de as construções escritas dos surdos serem bastante diferentes da escrita dos ouvintes. Parecia-me que esse fato se relacionava com as metodologias educacionais empregadas com esses sujeitos, que se baseavam, muitas vezes, em estratégias des-

contextualizadas e repetitivas. Além disso, foi possível observar que muitos estudos destacavam as dificuldades e as diferentes construções escritas dos surdos; alguns se detinham na escrita considerada “atípica”; outros, na interferência da língua de sinais nas construções escritas; outros, na condição da surdez; e havia, ainda, os que relacionavam a escrita a técnicas pedagógicas inadequadas. Poucas, porém, eram as propostas para o desenvolvimento da escrita. Desse modo, muitos surdos continuam com dificuldades para aprender a ler e a escrever, e um grande número deles não tem acesso a práticas discursivas significativas que propiciem o domínio da linguagem escrita.

Além disso, muitos professores de surdos, tanto do ensino regular como do ensino especial, têm dificuldades para compreender e lidar com a linguagem escrita dos surdos. Em algumas escolas especiais, ainda hoje, os trabalhos de leitura e escrita com os surdos são colocados em segundo plano; assim, essas escolas ainda priorizam a aprendizagem da linguagem oral, como se esta fosse um pré-requisito para a aprendizagem da escrita.

Ancorada em uma concepção discursiva de linguagem que privilegia diferentes trocas sociais e jogos interativos, parti do pressuposto de que as relações entre sujeito e linguagem são singulares. Nessa perspectiva, o desenvolvimento da escrita das crianças não segue um caminho único e igual, ao contrário, passa por um processo de imprevisibilidades e diferenças. Nessa concepção, o surdo é percebido como ativo e singular, e o outro – terapeuta/investigador(a) –, por meio das terapias fonoaudiológicas, tem o papel de intérprete e de parceiro na constituição do português escrito, ou seja, atribui forma e sentido às produções da criança, intervindo, quando necessário, para transformar a escrita de modo a aproximar o texto do português padrão.

Baseando-se no fato de que há poucos trabalhos na área da surdez que analisam objetivamente as produções escritas de surdos, e de que são poucos os trabalhos que atribuem o estatuto de textos à sua produção textual, tenho como objetivo evidenciar o papel do outro (fonoaudiólogo, professor, família) na construção das produções escritas de surdos, demonstrando que é fundamental que esse outro tenha o domínio da língua de sinais para que sua experiência com a linguagem escrita possa ser compartilhada de forma mais efetiva. Além disso, analisei produções escritas de surdos com base na lingüística textual, o que me auxiliou a demonstrar que o processo de construção da escrita é singular, isto é, difere de um sujeito para outro. E, finalmente, pretendo também refletir sobre o papel da retextualização no processo de aquisição e produção escrita.

Os dados aqui apresentados foram coletados em terapias fonoaudiológicas individuais, nas quais atuei como co-autora. As análises demonstram que o surdo é capaz de escrever e aproximar seu texto do português padrão, desde que lhe sejam dadas oportunidades de interagir com a escrita por meio de atividades significativas e haja um trabalho de parceria e atribuição de sentidos pelo leitor. Demonstram ainda que o processo de aquisição da linguagem escrita se baseia na interação com o outro, e que nessa parceria reconstrói-se o sentido dos textos. Com as conclusões do estudo que originou este livro, espero contribuir para que os surdos alcancem melhores resultados no uso do português escrito e para que aqueles que trabalham com a linguagem escrita (professores, fonoaudiólogos, psicólogos, pedagogos) tenham consciência da importância de seu papel como mediadores.